

“A VIRGEM MARIA E A EDUCAÇÃO FEMININA”: REVISTA FLOR DO LÁCIO E REPRESENTAÇÕES FEMININAS NO COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO DE MONTES CLAROS/MG(1940-1950)

KÁTIA FRANCIELE CORRÊA BORGES*

Introdução

Em dissertação de mestrado, defendida em fevereiro de 2011, intitulada: *Santa, esposa-mãe e professora: Revista Flor do Lácio e educação de mulheres no Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros/MG (1943 - 1957)*. Desenvolvemos um estudo sobre as representações femininas e a influencia da Igreja Católica, através da imprensa e dos seus colégios confessionais, na produção dessas representações.

Observamos no referido estudo que durante a transição do século XIX para o século XX surgiu no contexto brasileiro um *discurso positivista* que classificou a educação como primordial para a emancipação do país. Esse mesmo discurso contribuiu para o aumento da presença de mulheres nas escolas de formações femininas (LOURO, 2009). Por outro lado, o *discurso católico*, proferido no mesmo período, incorporou a imagem da *Virgem Maria* como *representação ideal feminina*. Nesse contexto ocorreu, no Brasil a expansão dos colégios católicos administrados por congregações religiosas que se tornaram principais responsáveis pela educação feminina.

O Colégio Imaculada Conceição, por exemplo, fundado em 1907, na cidade de Montes Claros¹, pelas Irmãs pertencentes à *Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria de Berlaar*², se constituiu como primeira instituição de ensino para

* Mestre em Desenvolvimento Social pela Universidade Estadual de Montes Claros. E graduada em História pela mesma universidade.

¹“A cidade de Montes Claros está situada na Região do Alto Médio São Francisco, ao Norte do Estado de Minas Gerais. A formação da cidade, assim como sua ocupação territorial, ocorreu por meio das fazendas de gado de Antônio Gonçalves Figueira e de Matias Cardoso” (BORGES, 2011, p.33).

²Essa Congregação surgiu na aldeia de Berlaar, Bélgica, durante o século XVIII e começou sua expansão missionária no século XIX. Montes Claros foi à primeira cidade onde ela iniciou suas atividades. Atualmente (2011), além da cidade de Montes Claros, a referida congregação possui colégios nas cidades de: Araguari/MG, Patrocínio/MG, Belo Horizonte/MG, Pará de Minas/MG, Londrina/PR, Cristalina/GO, Brasília/DF e Palmas/TO (PEREIRA, 1999).

mulheres com sistema de internato e externato situado no Norte de Minas Gerais. Alguns memorialistas e historiadores atribuem-se a esse colégio a responsabilidade pela educação das mulheres pertencentes à *elite montesclareense*³ (VIANA, 1916; PAULA, 2007; CARNEIRO, 2003).

Nesse mesmo colégio identificamos a produção e circulação de uma revista denominada *Flor do Lácio*. Essa revista foi fundada pela professora de português *Irmã Maria de Lourdes* no ano de 1942 e teve como principais colaboradoras alunas e professoras do educandário. Com edições ora semestrais, ora anuais *Flor do Lácio* era composta por capa ilustrada; fotos; homenagens; textos de conhecimentos gerais, de reflexões e de poesias; correspondências; colunas de entretenimento e noticiário. Tivemos acesso a seis fascículos: nº 2 de 1943; nº 3 e 4 de 1944; nº 5 de 1945 e dois exemplares sem numeração um do ano de 1956 e outro do ano de 1957. Os fascículos 2, 3 e 4 continham em torno de 18 a 20 páginas, fascículo nº 5 possuía 30 páginas e os demais exemplares tinham 22 páginas cada.

Ao analisar *Flor do Lácio* identificamos conteúdos que se dirigiam a três perspectivas diferenciadas, ainda que não excludentes, de formação feminina como: *santa (ou religiosa)*, *esposa-mãe e professora de escola primária*. Esses conteúdos direcionaram nossos estudos para a análise das representações onde utilizamos como fio condutor as definições de Chartier (1991). Segundo esse autor: “as representações e as ações supõem uma eficácia própria às idéias e aos discursos, separados das formas que os comunicam, destacados das práticas que ao se apropriarem deles, os investem de significações plurais e concorrentes” (CHARTIER, 1991, p.188).

Assim o presente artigo apresenta-se como um recorte do estudo da dissertação de mestrado defendida em fevereiro de 2011 e tem como objetivo discutir aspectos das representações femininas produzidas pela revista *Flor do Lácio* (1943-1957). Discutiremos em especial, as representações femininas da santa e esposa-mãe. Assim como também, a influencia da figura *Virgem Maria (santa)* em oposição à figura de *Eva (pecadora)* no processo de construções de tais representações. A metodologia de análise se baseia na abordagem qualitativa, mediante o uso de análises bibliográficas e fontes impressas.

³ Segundo Viana (1916) e Paula (2007) elite seria composta por fazendeiros, comerciantes, advogados, médicos, entre outros.

Contexto histórico: a produção da santa e da esposa-mãe

No estudo da *História das mulheres no Brasil* Del Priori (2009, p.08) salienta que “a história das mulheres é relacional, inclui tudo que envolve o ser humano, suas aspirações e realizações, seus parceiros e contemporâneos, suas construções e derrotas”. Nesse sentido, Chartier (1991, p.178) lembra que “toda reflexão metodológica enraíza-se, com efeito, numa prática histórica particular, num espaço de trabalho específico”. A construção simbólica da mulher como *santa e esposa-mãe* foi forjada, segundo o modelo católico no século XIX. Esse modelo tinha como proposta produzir “uma genealogia vigorosa sustentada pelas virtudes morais da mulher” (GIORGIO, 1991, p.199).

Sobre esse período, Souza (2003) infere que a Igreja Católica no decorrer do século XIX até meados do século XX comandou um *processo de romanização do catolicismo*⁴. O objetivo dessa romanização consistia em combater o processo de mudança cultural que estava ocorrendo na Europa (*laicização, desencantamento e secularização* – consequência do iluminismo e do materialismo filosófico), assim como também, enfrentar as *práticas culturais* brasileiras entendidas pelo Vaticano como superstição, ignorância religiosa e primitivismo cultural (SOUZA, 2003).

No Brasil Nunes (2009) reporta que a Igreja Católica buscou centralizar a vida religiosa em torno dos sacramentos. A mulher, nesse contexto, se tornou ferramenta agregadora da ação católica, pois diante da:

[...] necessidade de um público dócil às novas normas torna as mulheres um alvo privilegiado da ação da Igreja. A partir de então, esta desenvolve projetos específicos, dirigidos à população feminina católica, com o intuito de incorporá-las ao seu projeto reformador. Criam-se associações femininas de piedade; desenvolvem-se movimentos religiosos nos quais o concurso das mulheres é fundamental. Pode-se assim dizer que a “clericalização” do catolicismo brasileiro foi, ao mesmo tempo e necessariamente o processo de sua “feminização”. A incorporação das mulheres pela instituição deu-se em virtude da pretensão de anular o poder do laicato masculino. Dessa forma, a dinâmica através da qual feminiza o catolicismo no Brasil, longe de significar um investimento das mulheres no exercício do poder sagrado, representa, de

⁴ Essa romanização foi denominada “por Manoel (1996) como *catolicismo Ultramontano*, por Souza (2000) como *processo de romanização do catolicismo* e por Nunes (2009) como *processo de clericalização do catolicismo brasileiro*. Todas estas denominações foram utilizadas para se reportar ao processo que culminou na implementação e ampliação do aparato religioso católico brasileiro, mediante fundações de seminários, dioceses, conventos e escolas, visando à reformulação do catolicismo conforme modelo romano” (BORGES, 2011, p.64-65).

fato, a reafirmação do seu estatuto subordinado (NUNES, 2009, p.491, grifos da autora).

Sobre esse contexto Giorgio (1991, p.201) afirma que a Igreja Católica formalizou “um contrapoder feminino que utiliza recursos sentimentais como corretivo moral nos confrontos com homens”. Segundo a autora, devido à *racionalização científica e tecnológica*⁵ ocorrida no século XIX, os homens afastaram da Igreja e em contraposição notou-se um aumento da presença de mulheres nesse espaço. Para Giorgio (1991):

O afastamento da Igreja, o anticlericalismo militante ou passivo são, no século XIX, fenômenos exclusivamente masculinos. Este é um lamento generalizado dos párocos: os homens não comparecem. A sua religião não está perdida, mas muda visivelmente seu estatuto. De facto global, absoluto, de mentalidade, assume os contornos relativos de opinião religiosa. A fé dos homens coloca-se, sobretudo como posição política, enquanto a das mulheres mantém íntegro o caráter de “facto de mentalidade”, ao qual, mais do que qualquer outro elemento, “os factos de comportamento” conferem o sinal de uma fé plena. O catolicismo no século XIX escreve-se, pois no feminino. A feminilização das práticas, da piedade, do clero, aí estão para demonstrá-lo (GIORGIO, 1991, p.201-202, Grifos da autora).

Nesse contexto, as mulheres se tornaram as *principais semeadoras da fé católica*. Para NUNES (2009, p.491) “Pode-se afirmar que é justamente porque a Igreja manteve, no período da reforma católica, práticas e discursos restritivos em relação às mulheres, que ela pôde incorporá-las em sua estratégia de reforma institucional”. A autora em pauta ainda lembra que algumas iniciativas católicas dessa época beneficiaram as mulheres. Dentro dessas, Nunes (2009) considera que “a mais carregada de efeitos para mulheres foi à criação de uma rede formidável de escolas católicas, sob a direção de religiosas estrangeiras” (NUNES, 2009, p.491).

Sobre isso, Louro (2009, p.447) infere que “para muitos, a educação feminina não poderia ser concebida sem uma sólida formação cristã, que seria a chave principal de qualquer projeto educativo”. Almeida (2007), afirma que educação feminina foi justificada mediante a necessidade da formação da *mulher santa* e da *esposa-mãe*. Essa educação nos moldes católicos foi conferida aos colégios de freiras

⁵ Atribuimos a esse termo as ideias advindas do Iluminismo (século XVIII), do marxismo (XIX), positivismo (XIX) entre outras correntes ideológicas que surgiram nesse contexto e se posicionaram como ameaçadoras a hegemonia católica no Ocidente.

cuja instalação contou com apoio do Estado e das oligarquias locais (MANOEL, 1996; ALMEIDA 2007).

No Brasil, Manoel (1996) ainda relata que o processo de instalação dos colégios católicos femininos ocorreu nos períodos entre 1859-1959. Para ele o fim do regime *Padroado*⁶, ocorrido com o advento da República (1889), fez com que a Igreja Católica também empenhasse em reconquistar o controle do sistema educacional. Assim, o autor em pauta, constatou que:

Para o instituto católico, no entanto a criação de uma rede escolar não se restringia apenas ao aspecto comercial que necessariamente circunda na escola particular. A questão era mais profunda. Tratava-se, antes, de aproveitar um espaço ainda não totalmente ocupado pelo “inimigo” e, por meio dele, desenvolver um trabalho saneador, cujo resultado final deveria ser o afastamento tanto das idéias modernas quanto do ensino leigo, considerando necessariamente mau e corruptor. A ação concreta de instalação de uma rede escolar, movimentando vultosos recursos financeiros e humanos, deslocando congregações religiosas, da Europa para o Brasil, se apoiava em uma teoria cujo eixo de sustentação era atribuir a “crise do mundo moderno” aos principais “errôneos” da filosofia racionalista e da política liberal, divulgados pela educação leiga e, como contrapartida, a solução dessa “crise” pela educação católica (MANOEL, 1996, p.56).

Contudo, observamos que a educação e instrução feminina, promovida nos colégios católicos, articulou estratégias e ações que construíram a representações femininas segundo o modelo católico. Esse modelo contemplou como mulher ideal a figura da *Virgem Maria* cuja representação assegurava valores como: *simplicidade, bondade, pureza, virgindade, doação* entre outros. Sobre isso Louro (2009) infere que:

Ainda que a República formalizasse a separação da Igreja Católica do Estado, permaneceria como dominante a moral religiosa, que apontava para as

⁶ Segundo Cury (1993 *apud* SOUZA, 2000, p. 68), “O Padroado era uma instituição ibérica pela qual a Igreja Católica e as monarquias luso-hispânicas estabeleciam tratados e alianças entre si. Por ele, a permuta de favores consistia nos privilégios outorgados à Igreja, entre os quais o reconhecimento da religião católica como religião oficial, e em contrapartida, a Igreja atribuía à monarquia o poder de controlar e fiscalizar uma série de iniciativas (que, hierarquicamente falando, caberiam à própria instituição religiosa). Desse modo, até a nomeação dos bispos dependia da autoridade imperial e os clérigos seculares, eram de fato funcionários públicos. O imperador provia cargos eclesiásticos em troca de pagamento das atividades eclesiásticas exercidas pelos clérigos. Por outro lado, uma série de cargos públicos (que, politicamente falando, caberiam à instituição política) tinham como pré-condição de investidura o juramento de fé. É neste sentido que havia o juramento à fé católica exigido dos professores que assumissem cadeiras de ensino nos estabelecimentos oficiais”. CURY, Carlos Roberto Jamil. “Ensino religioso e escola pública: o curso histórico de uma polêmica entre Igreja e Estado no Brasil”. **Educação em Revista**. *Revista da Faculdade de Educação da UFMG*. Vol. VIII, nº 17. Belo Horizonte, jun./1993. p. 20-37.

mulheres a dicotomia entre Eva e Maria. A escolha entre esses dois modelos representava na verdade, uma não-escolha, pois se esperava que as meninas e jovens construíssem suas vidas pela pureza da Virgem. Através do símbolo mariano se apelava tanto para sagrada missão da maternidade quanto para a manutenção da pureza feminina. Esse ideal feminino implicava o recato e o pudor, a busca constante de uma perfeição moral, a aceitação de sacrifícios, a ação educadora dos filhos e filhas (LOURO, 2009, p.447).

Dentro desse contexto, Manoel (1996) reporta que a Igreja Católica, através da pedagogia dos colégios confessionais desenvolveu uma estratégia de ação que ficou conhecida como: “teoria dos centros concêntricos: da mãe cristã para filhos cristãos; de filhos cristãos para famílias cristãs; das famílias cristãs para a sociedade cristã. Com isso, esperava-se, em breve tempo, recristianizar toda a sociedade moderna” (MANOEL, 1996, p.49).

Assim, ocorreu uma rápida expansão dos colégios católicos administrados por religiosas. As Irmãs, pertencentes à Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria de Berlaar, por exemplo, chegaram ao Brasil em 1907, fundaram o primeiro colégio para moças em Montes Claros/MG (Colégio Imaculada Conceição)⁷. Ainda no Estado de Minas Gerais elas fundaram, entre os períodos de 1907-1942, mais quatro colégios. São eles: Colégio Sagrado Coração de Jesus (Araguari⁸ - 14/04/1919); Colégio Nossa Senhora do Patrocínio (Patrocínio - 15/10/1928); Colégio São Pascal (Belo Horizonte 15/08/1941); e Colégio Sagrado Coração de Maria (Pará de Minas - 07/03/1942). Todos com o propósito de priorizar a educação para mulheres (PEREIRA, 1999).

Pereira (1999), ao mencionar sobre o *carisma*⁹ dessa congregação, afirmou que a Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria de Berlaar praticavam *a devoção e imitação às virtudes da Virgem Maria*. “O coração é símbolo de amor. O amor do Coração de Maria é antes de tudo um amor muito simples, sem complicação,

⁷ Segundo Carneiro (2003), as Irmãs da Congregação do Sagrado Coração de Maria que vieram para Montes Claros/MG teriam como função fundar um colégio para moças e auxiliar nos serviços de enfermagem da Santa Casa de Misericórdia.

⁸ No Colégio Sagrado Coração de Jesus fundado em Araguari funcionava também o Convento para a formação do noviciado. No período de 1917 a 1927 o Colégio Imaculada Conceição ficou fechado na cidade de Montes Claros. Assim, na cidade de Araguari no ano 1919, passou a ser a sede da Congregação no Brasil (FLOR DO LÁCIO, 1944, n°3; PEREIRA, 1999).

⁹ Segundo o *Manual de Catecismo da Igreja Católica*, “os carismas são graças do Espírito Santo que, direta ou indiretamente, têm urna utilidade eclesial, pois são ordenados à edificação da Igreja, ao bem dos homens e às necessidades do mundo”. Maiores informações no endereço eletrônico: <http://catecismo-az.tripod.com/conteudo/a-z/c/carisma.html>.

sem duplicidade, sem dissimulação” (PEREIRA, 1999, p.24). Tais virtudes estavam incorporadas, institucionalizadas e reafirmadas nas páginas da revista *Flor do Lácio* como veremos a seguir.

Flor do Lácio e a Virgem Maria: a representação da santa e esposa-mãe

*Flor do Lácio*¹⁰ foi uma revista produzida pelo Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros/MG. Segundo a documentação que tivemos acesso, tratou-se de um periódico que circulava, ora semestral ora anual, no espaço do educandário, cuja direção e redação ficavam a cargo das alunas do ensino normal e técnico matriculadas no educandário (Ver QUADROS 1 e 2, a seguir)

QUADRO 1

Diretoras e redatoras de *Flor do Lácio* 1943/45

Ano	Nº do Fascículo	Nome da Diretora	Série/Curso	Nome da Redatora	Série/Curso
1943	02	Genoveva da C. Mota	3º Normal	Terezinha Machado	2º Normal
		Hilda do Vale	3º Normal	Maria Júlia Sepúlveda	3º Normal
1944	03	Jeni Canela Barbosa	1º Técnico e Professora	Berenice Melo	1º Técnico e Professora
		Aleluia Fernandes Murta	3º Normal	Terezinha Nonato	3º Normal
1944	04	Jeni Canela Barbosa	1º Técnico e Professora	Terezinha Nonato	3º Normal
		Aleluia Fernandes Murta	3º Normal		
1945	05	Jeni Canela Barbosa	2º Técnico e Professora	Neuza Maria de Oliveira	3º Normal
		Aleluia Fernandes Murta	1º Técnico	Maria Rodrigues Avelar	2º Normal

Fonte: *Flor do Lácio*, fascículo nº 2 (1943), nº 3 e 4 (1944), nº 5 (1945)¹¹.

¹⁰ Pelo que podemos observar durante a realização da nossa pesquisa o nome da revista como “*Flor do Lácio*” contempla uma referencia a poesia “*Língua portuguesa – Última Flor do Lácio*” do poeta brasileiro Olavo Bilac. O Lácio (em latim, *Latium*; em italiano, *Lazio*) é uma região da Itália central que possui uma área de 17.203 km².

¹¹Borges (2011, p.51).

QUADRO 2

Corpo editorial de *Flor do Lácio* 1956/57

Ano	Nome	Cargo	Classificação na escola (Aluna ou Professora)
1956	Nilda Generoso	Diretora-presidente	3º Ano de Formação
	Cleonice Sarmiento	Diretora-gerente	3º Ano de Formação
	Maria Vilma dos Reis	Diretora-tesoureira	Não Informada
	Ivone Cavalcante Ferraz	Diretora-redatora	2º Ano de Formação
	Helena Freire	Redatora-chefe	1º Ano de Formação
	Maria José Narciso	Redatora-secretária	2º Ano Técnico de Contabilidade
1957	Nilda Ivone Ferraz	Diretora-presidente	3º Ano de Formação
	Clarice Sarmiento	Diretora-gerente	3º Ano de Formação
	Raquel Avelar	Diretora-tesoureira	Não Informada
	Maria Chateaubriand	Diretora-redatora	3º Ano de Formação
	Mires Dalva Vieira	Redatora-chefe	3º Ano de Formação
	Delci Caires	Redatora-secretária	Não Informada

Fonte: Flor do Lácio 1956/57¹².

As Irmãs que administravam o Colégio Imaculada Conceição também apresentavam autoridades da região como: políticos e inspetores de ensino com fascículos da revista assim contribuíam para ampliar a circulação do periódico. No espaço escolar do educandário Flor do Lácio foi comercializada no período de 1943-45 com o custo de “assinatura anual CR\$ 6,00” (FLOR DO LÁCIO, 1943, N°2, p.01). Já no período de 1956/57, não conseguimos informações sobre o custo anual, mas como podemos observar, no Quadro 2 supra, existia na direção da revista um tesoureiro. Esses fatos nos conduzem a constatar que a revista continuou a ser comercializada (FLOR DO LÁCIO, 1956/57). O público de Flor do Lácio, em sua maioria, seriam as próprias alunas do Colégio Imaculada Conceição.

Na leitura dos seis fascículos de Flor do Lácio que tivemos acesso identificamos 165 textos (matérias) encaixados nas seguintes seções: *Informações* (33 textos), *Cultura & Educação* (36 textos), *Sociais* (39 textos) e *Religião & Reflexão* (54 textos). Nessa última seção notamos a presença de textos que retravam valores sobre:

¹² Borges (2011, p.53).

moral, religiosidade e honestidade; perfil da família ideal; como ser boa mãe; como não se deixar iludir pelas coisas do mundo; os verdadeiros amigos/as; orações; momentos de elevar o pensamento a Deus; poemas e orações sobre o exemplo da Virgem Maria. E ainda com campanhas missionárias; a importância de se ter uma religião católica; história da Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria; histórias de padres e Irmãs missionários/as tudo isso para estimular as vocações religiosas e as atividades religiosas (BORGES, 2011).

Observamos ainda que *as representações da Virgem Maria como santa e esposa-mãe* estavam presentes em 36 textos da seção de *Religião e Reflexão*. Em alguns textos de Flor do Lácio, como *Atividades da Pia União em 1943*, escrito pela aluna *Maria da Glória Guedes* as jovens do colégio eram convidadas a se colocar a “serviço e imitação da Virgem Maria” (FLOR DO LÁCIO, Nº 2, 1943, p.10). Em outro, denominado de *A gruta*, assinado pela aluna *Júlia Aguiar*, chama-se a atenção para a “preferência de Nossa Senhora pela humildade” (FLOR DO LÁCIO, Nº 2, 1943, p.11). Assim, os valores marianos eram apresentados como *virtuosos e dignos de serem seguidos*.

As publicações de textos referentes aos cultos marianos do mês de Maio, por exemplo, também comprovam que a redação de Flor do Lácio estimulou e promoveu o culto a figura da Virgem Maria. Como mostra o texto a seguir, escrito pela aluna *Aleluia Fernandes Murta*:

[...] glorificar a Santíssima Virgem. Durante êsses dias felizes de Maio era Maria Imaculada ornada de flores e luzes; as criancinhas inocentes vestiam-se de anjos e, em tórno do seu altar, ficavam anjos e mais anjos para coroá-la com ricos diademas, a semelhança de anjinhos do céu. E Maria, a Virgem Imaculada, entre rosas e lírios confundia-se em meio de tão lindas flôres, por ser ela verdadeiro lírio de candura e pureza (FLOR DO LÁCIO, nº 3, 1944, p. 02).

O excerto acima se refere a um ritual católico que ficou conhecido no Brasil como “Coroação a Nossa Senhora”. Esse ritual geralmente faz parte das comemorações marianas que ocorriam (e ainda ocorre) durante o mês de Maio. Essas comemorações iniciaram na Europa do século XIX e adentraram o século XX. Dessa forma o mês de Maio ficou conhecido popularmente como *mês de Maria e o mês das noivas*. Todavia segundo Giorgio esse *mês* não foi escolhido aleatoriamente, a Igreja defendia que

proteção da Virgem deveria atuar na conservação da pureza da mulher, no momento em que a mesma se encontrava exposta as tentações que surgiam durante a Primavera.

A Primavera informa Giorgio (1991) foi vista por alguns Jesuítas italianos do século XIX como o período em que os amores adolescentes afluíam e assim esses amores precisavam ser contidos. No entanto cabe ressaltar que a estação da Primavera durante o mês de Maio é atributo apenas do hemisfério Norte e não do hemisfério Sul que nesse período está na estação do Outono. Mesmo assim, no Brasil as comemorações marianas ocorridas no referido mês, carregadas do *simbolismo da Virgem* e do *culto a sua pureza*, indicam que embora no Outono, o propósito também consistia no mesmo – conduzir as meninas a *preservar da virgindade* e a conservar os valores católicos.

Segundo Giorgio (1991) o *Culto à Maria* se trata, portanto, de:

Um culto que consolida a autossuficiência narcisista feminina ligando-a a idade púbere. Nos comportamentos virtuosos e na presença agradável, as mulheres buscariam a única afirmação de si próprias, desconfiando de todas as outras capacidades. Accati¹³ (1990, *apud* GIORGIO 1991, p. 222).

Dessa forma, compreendemos que a preocupação com o controle dos amores da adolescência não foi prioridade somente da sociedade europeia do século XIX. Nas décadas de 1940 e 1950 do século XX notamos que Flor do Lácio apresentava essa mesma tendência como comprova o texto a seguir:

Flor em botão

[...] A mocidade gosta de flôres, porque é ela também uma flôr do Jardim da Creação; porque revela a mão delicada e perfeita do Jardineiro Celeste. Nada mais ilusório que uma jóvem convencida do valor de sua beleza física. Como flôr artificial, desilude os que dela se aproximam. Uma flôr para atingir o crescimento perfeito deve permanecer na solidão, porque na primavera da vida, há noites invernosas e dias de trevas. Aquela que desabrocha prematuramente murcha-se ao alvorecer. A que flor você se assemelha? (FLOR DO LÁCIO, 1957, p.13).

Assim, a redação de Flor do Lácio trabalhava para que suas “flores” – as alunas do Colégio Imaculada Conceição não murchassem antes da hora – ou seja, as

¹³ ACCATI, Luíza. La política dei sentimenti. L’Immacolata Concezione fra ‘600 e ‘700. Antti del Primer Colloqui di História de la Donna, Barcelona, 1990, p. 23-40.

meninas deveriam *preservar a virgindade*. Afinal elas precisariam conquistar bons casamentos, para tanto precisariam ser educadas para se tornarem boas esposas-mães. Sobre a relação entre *casamento e maternidade*, Beauvoir (2009) apresenta que:

Uma mulher só, na América do Norte mais ainda do que na França, é um ser socialmente incompleto, ainda que ganhe sua vida; cumpre que traga uma aliança no dedo para que conquiste a dignidade integral de uma pessoa e a plenitude de seus direitos. A maternidade, em particular, só é respeitada na mulher casada; a mãe solteira permanece um objeto de escândalo e o filho é para ela um pesado *handicap*. Por todas essas razões, muitas adolescentes do Velho e do Novo Mundo, quando interrogadas acerca de seus projetos futuros, respondem hoje como o teriam feito outrora: “Quero me casar” (BEAUVOIR, 2009, p.553, grifos da autora).

No Brasil da década de 1940 e 1950 essa visão também era disseminada. Almeida (2007), ao pesquisar sobre a educação feminina no contexto paulista no início do século XX, lembra que a educação e a instrução das mulheres foi também justificada como a preparação para o casamento. Em alguns textos de Flor do Lácio a figura materna aparecia inserida numa família, representada pelo pai, a mãe e o filho. Como mostra o texto escrito pela aluna Onolita Peixoto abaixo:

Sentados na relva, três pessoas felizes sorriam. A terceira era um lindo menino que, nos seus 8 anos, irradiava felicidade e precoce inteligência. Os olhos azuis como safira ainda bruta formavam com os lindos cabelos loiros um tipo encantador. Herdava-os de sua mamãe. Era alegria daquelas duas almas unidas no amor e na compreensão. Ao conversar com o papai, mostrava-se orgulhoso, tal qual um rapazola que já quer o título de ‘senhor’ ...era assim o Carlinhos. De repente, com toda a vivacidade que lhe era peculiar, salta para mamãe, com as mãozinhas presas a seu queixo e num gesto todo infantil: ‘Mamaezinha é tão linda... Não há outra mamãe mais bonita... de olhos mais azuis, de cabelos mais loiros, mais lindos que os da minha mamãezinha’ (FLOR DO LÁCIO, 1945, n° 5, p.06).

O modelo dessa família, relatada pela aluna Onolita, caracteriza a representação do modelo da *Sagrada Família* (composta por: *Maria, Jesus e José*). Com Chartier (1992) compreendemos que existem estratégias de leitura explícitas e implícitas. Nesse sentido, o exemplo de Maria como esposa-mãe foi implicitamente trabalhado no texto acima.

Por fim, a revista *Flor do Lácio* um impresso pertencente ao Colégio Imaculada Conceição (administrado pelas Irmãs Belgas/Berlaar da Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria) a imagem da *Virgem Maria* foi homenageada de

duas formas: no primeiro caso no nome do colégio, em que sobressaiu a sua *pureza virginal*, e no segundo caso no nome da congregação, em que se apresentou sua capacidade de amar ao próximo. Segundo a aluna Mariana Aleluia Murta, as Irmãs Belgas eram “Irmãs piedosas que desejavam trabalhar pela salvação das almas e também para a própria santificação [...] sob a égide de Maria” (FLOR DO LÁCIO, Nº 5, 1945, p.14).

Considerações Finais

Nesse artigo observamos que a construção simbólica da mulher como *santa e esposa-mãe* foi construída segundo o modelo católico no século XIX. Tal modelo baseou-se na concepção de que as virtudes femininas deveriam espelhar-se no exemplo da Virgem Maria. Assim a figura da Virgem se tornou modelo padrão de representação feminina entre os católicos. E, durante o processo de reforma católica – romanização do catolicismo – que ocorreu no século XIX e primeira metade do século XX, as mulheres passaram a serem vistas como principais semeadoras da fé católica. Algumas iniciativas como: criação de associações católicas femininas e expansão das redes de ensino católicas beneficiaram as mulheres na ocupação de um espaço que antes era ocupado pelos homens.

Todavia, assim como Nunes (2009) consideramos que a maior conquista feminina foi no campo da educação. No Brasil, Manoel (1996) lembrou que os colégios femininos administrados por congregações religiosas se expandiram entre os períodos de 1859-1959 e se tornaram os principais responsáveis pela educação das mulheres. O Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros/MG, por exemplo, foi responsável pela educação de parte das moças montesclarenses.

Mostramos ainda que esse educandário, através da revista Flor do Lácio, também incorporou o discurso católico iniciado no século XIX. Outro ponto relevante a ser considerado foi o fato de que as próprias alunas do Colégio Imaculada Conceição foram colaboradoras, redatoras e diretoras da revista e também corroboraram com esse

discurso. Desse modo, a figura da Virgem Maria esteve presente em diversos textos da revista, fosse para exemplificar a representação da santa ou da esposa-mãe.

Enfim, esse artigo consistiu num recorte da dissertação de mestrado defendida em 24 de fevereiro de 2011, portanto, ainda temos diversas observações sobre as representações da mulher santa e da esposa-mãe para acrescentar. Desse modo, nossas análises não se findam nele. Flor do Lácio nos mostrou que ainda há muito a ser pesquisado sobre as representações femininas. Por ora, encerramos com a consideração de que a educação de mulheres no Colégio Imaculada Conceição foi realizada segundo as virtudes marianas. Tais virtudes, por sua vez, contribuíram assiduamente para as construções de representações femininas segundo o modelo católico.

Fonte

FLOR DO LÁCIO/ Fascículos: 02 03, 04 e 05 (1943/1945), Fascículo (1956) e Fascículo (1957). Disponível nos Arquivos do Colégio Imaculada Conceição.

Referências

ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as letras:** por que educar meninas e mulheres? São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo: Campinas: Autores Associados, 2007.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo.** Tradução Sérgio Milliet. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. Vol. 1 e 2.

BORGES, Kátia Franciele Corrêa. Santa, esposa-mãe e professora: Revista *Flor do Lácio* e educação de mulheres no Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros/MG (1943 - 1957) [manuscrito]. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento social/PPGDS, 2011.

CARNEIRO, Elizabete Barbosa. **Da Bélgica a Montes Claros:** Memória das Irmãs do Sagrado Coração de Maria e a Construção do espaço feminino na cidade - História e memória do espaço feminino em Montes Claros. Uberlândia: 2003. (Dissertação de Mestrado).

CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação.** *Estudos Avançados.* 1991, vol.5, n.11, p. 173-191. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf> >. Acesso: 17 set. 2008, às 17h:50min.

CHARTIER (1992). Textos, Impressão, Leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural.** Tradução Jerferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.211-238.

DEL PRIORI, Mary. Apresentação. In: DEL PRIORI (Org.), Mary; BASSANEZI (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 9 Ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009, p.5-10.

GIORGIO, Michela. O modelo Católico. In: DUBY, Georges; PERROT, Michele. **História das mulheres no Ocidente: O Século XIX**. Trad. COELHO, Maria Helena da Cruz; *et. al.* Porto/Portugal: Edições Afrontamento; São Paulo/Brasil: EBRADIL. 1991. Vol.4 p.199-237.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 10. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORI (Org.), Mary; BASSANEZI (cord. De textos). **História das mulheres no Brasil**. 9. Ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009, p.443-481.

MANOEL, Ivan Aparecido. **Igreja e educação feminina (1859-1919): Uma face do conservadorismo**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: in: DEL PRIORI (Org.), Mary; BASSANEZI (coord. De textos). **História das mulheres no Brasil**. 9 Ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009, p.482-509.

PAULA, Hermes Augusto de. **Montes Claros sua história sua gente seus costumes**. Parte I, Coleção Sesquicentenária. Vol. 01. Montes Claros: Editora Unimontes, 2007.

PEREIRA, Aramita Martins – Irmã Maria Dulce. **Jubileu do Ano 2000 Vida Consagrada Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria**. Montes Claros: (monografia), 1999.

SOUZA, João Valdir Alves de. **Igreja, educação e práticas culturais: a mediação religiosa no processo de produção/reprodução sociocultural na região do médio Jequitinhonha mineiro**. Tese de doutorado apresentado ao Programa De Estudos Pós-Graduados Em Educação - História, Política, Sociedade – Doutorado – Pontifícia Universidade Católica De São Paulo – PUC/SP. São Paulo: Dezembro, 2000.

VIANA, Urbino. **Monographia do município de Montes Claros: breves apontamentos históricos, geográficos e descritivos**. Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1916.